

Bresser chega acreditando em acordo

Descarta o FMI logo e espera respostas para o pedido de dinheiro

A.G.



Bresser em São Paulo: o acordo virá, embora não dê para se falar em prazo

São Paulo — O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, disse ontem em São Paulo que está otimista com o encaminhamento das negociações sobre a dívida externa. Mas reconhece que um acordo “não vai sair amanhã”. Conforme admitiu, os 10 bilhões de dólares em dinheiro novo solicitado pelo Brasil ainda não receberam respostas afirmativas dos credores e a discussão sobre o spread sequer começou.

Bresser identificou em seus contatos nos Estados Unidos alguns sinais positivos na renegociação. Segundo ressaltou, o Brasil está iniciando a terceira etapa na negociação, cujo objetivo principal é reduzir o montante da dívida e buscar novos instrumentos que permitam isso. Esses instrumentos, explicou, procurariam transformar a dívida em títulos de longo prazo, com taxas de juros mais baixas e fixas. “Essa idéia começa a ser aceita

pelos credores e ganha espaço”, comentou, em entrevista na representação do Ministério em São Paulo. Nessa proposta ele também quer incluir spread zero, mas esse item ainda não foi formalmente colocado nas negociações.

Realista, Bresser descartou uma aceitação imediata da proposta brasileira. A aceitação, disse, deverá ser gradual: “Os bancos inicialmente tomarão uma parte pequena de títulos, irão cada vez mais trocando os títulos da velha dívida por essa, até que tenham realmente uma redução da dívida para compatibilizar nossa capacidade de pagar com o montante da dívida. Não adianta quererem cobrar de nós uma coisa que não podemos pagar”.

Outra dificuldade apontada pelo ministro em seus contatos com os credores é uma “certa desconfiança” do sistema financeiro internacional em relação à política econômica brasi-

leira. Assim mesmo, disse, houve evolução na forma como os credores passaram a se posicionar: “A grande mudança que houve nesta reunião do FMI, não só dos banqueiros, mas também dos ministros das finanças dos países credores, do Banco Mundial e do FMI, foi que durante o ano o sistema financeiro internacional reconheceu que a dívida era muito grande e parte dela incobrável, a medida em que criou um desconto no mercado secundário e o valor das ações dos bancos diminuiu na proporção dos créditos que eles têm contra os países do terceiro mundo”.

O ministro da Fazenda admitiu que o Brasil poderá fazer um novo acordo com o FMI, mas somente depois de concluir as negociações com os bancos. “O que é fundamental é que o desembolso dos bancos não seja vinculado a um desembolso do Fundo”, explicou.